

Livro- Reportagem
No Ponto: Aluga-se corpo. Narrativas de Profissionais do Sexo
Autoras: Ana Cleide Torres e Jessica Marinho
Orientador: Antonio Carlos Sardinha
Ilustração de capa e diagramação: Manoel Do Vale
Universidade Federal do Amapá – UNIFAP
Macapá, Julho de 2019.

Macapá/AP
Agosto de 2019

No ponto

Aluga-se corpo

Narrativas de Profissionais do Sexo

Ana Cleide Torres
e Jessica Marinho

VERSO
BRANCA

Este livro reportagem é dedicado a todos os profissionais do sexo. As mulheres militantes que lutam pelos seus direitos e reconhecimento da sua profissão, destacando a figura da presidenta Edna Maciel. As mulheres que não são prostitutas, mas lutam frente a esta causa. Dedicamos este livro aos pesquisadores que contribuíram com a sua fala neste trabalho, fortalecendo nossa pesquisa diante deste assunto secular que, por vezes, é debatido de forma unilateral pelos meios de comunicação, fortalecendo o estigma social da profissão. Por fim, busca-se retribuir a esses profissionais que dedicaram seu tempo para compartilhar sua trajetória de vida.

VERSO
BRANCA



Sumário

- 1. Introdução..... 9
- 2. Edna Maciel: A puta ativista.....12
 - 2.1. A prostituição como profissão17
 - 2.2. Da abordagem ao programa 26
 - 2.3.Vida fácil 30
 - 2.4. A prostituição forçada e o tráfico de mulheres ...40
- 3. Prazeres e riscos da vida noturna 44
 - 3.1. Entre o prazer e o perigo 45
- 4. Territórios do prazer: A história de Aisha 56
- 5. Entre Sonhos e realidades: Sara 62
 - 5.1. Avenida do Prazer..... 64
- 6. Garoto de Programa..... 72

INTRODUÇÃO



Este livro-reportagem tem como proposta a apresentação de narrativas de profissionais do sexo em Macapá. Trata-se da história de vida de pessoas comuns que trabalham com o aluguel do próprio corpo.

Nesse contexto, o livro surge com intuito de dar voz a quem deve ser ouvido, ou seja, pessoas que exercem esta profissão. A criminalização e preconceito aos profissionais do sexo sustentam um imaginário que estimula a marginalização desse grupo, tornando inacessível o acesso de homens e mulheres a direitos sociais e trabalhistas e à proteção contra violação de direitos.

Para dar a devida importância aos profissionais aqui destacados, foi necessário, no primeiro momento, identificar quais os principais pontos de prostituição existentes em Macapá. Diante disso, partiu-se para o trabalho de campo, baseando-se na observação desses lugares, até o momento da aproximação com as profissionais, que aceitaram contar suas histórias e os motivos que as levaram a viver nesse modo de vida.

Vários pontos de prostituição foram percorridos, alguns lugares, como por exemplo ruas e bares, que são espaços conhecidos na cidade de Macapá pela oferta de serviços sexuais.

A aproximação foi lenta e gradual, pois as profissionais do sexo se sentiam envergonhadas com a presença do grupo de pesquisa. A princípio pensavam que

consistia num discurso de redenção à prostituição, foi necessário explicar o interesse por suas histórias de vida e por que resolveram seguir o caminho da prostituição. Aos poucos este livro-reportagem foi criando forma.

Decidiu-se voltar várias vezes aos pontos de prostituição para que fosse criada proximidade com as prostitutas, e assim, conseguir aproximação e saber um pouco mais sobre como vivem e sobre os acontecimentos na vida noturna. Foram entrevistadas doze pessoas, no entanto apenas três autorizaram a gravação. Todos os relatos contribuíram para o processo de construção deste livro.

O livro traz também a narrativa da prostituição masculina, que não se vê facilmente pelas ruas; a figura do homem “hétero” não é encontrada em pontos da cidade. Esse profissional não expõe seu corpo nas ruas, mas está na internet, em sites e aplicativos de sexo, como poderá ser percebido na história de um garoto de programa que usa as redes sociais para buscar clientes.

É apresentada ao leitor a narrativa de cinco pessoas, com trajetórias distintas, que em comum dividem o ofício de profissionais do sexo. Este livro traz um olhar diferenciado sobre uma das profissões mais antigas do mundo, que por anos foi objeto de estudo de juristas, policiais e médicos.

As histórias contidas nesta publicação são verídicas e revelam os caminhos que levam os sujeitos a prática da prostituição. Eexpõem os perigos, dificuldades e situações

de violência sofrida por causa da profissão, além da luta pelo reconhecimento profissional da categoria.

Espera-se que a leitura desse livro permita uma nova visão sobre a profissão dos profissionais do sexo, desconstruindo antigos paradigmas e valorizando a pessoa, que é humana e digna de respeito e direitos como qualquer outro profissional.

O livro aborda também o tema da prostituição de forma diferenciada das leituras superficiais vistas nas mídias. Este método utilizado permite ao leitor um conhecimento profundo sobre o tema em questão, pois trabalha com a narrativa verídica, levando em consideração a relevância desta. A escolha de trazer essas narrativas em formato de livro-reportagem tem o intuito de informar aos leitores uma visão aprofundada e de narrativa direta dos donos da história.

Destaca-se que a prostituição é diferente de exploração sexual, pois na primeira a pessoa oferece voluntariamente serviços sexuais em troca de remuneração, já o segundo caso é tratado como crime, tanto no código penal, como no estatuto da criança e do adolescente.



A narrativa que se segue conta a trajetória pessoal e profissional de uma mulher pioneira na luta pelo reconhecimento dos direitos e ainda pelo respeito a uma das profissões mais antigas do mundo, a prostituição.

EDNA MACIEL

A PUTA

ATIVISTA

Essa história é um relato sobre a vida de Edna Maciel, cidadã residente do município de Santana, mulher, mãe, avó, prostituta inativa e atualmente militante em prol dos direitos das prostitutas do estado do Amapá. No tempo presente, atua como presidente da Associação das Prostitutas do Amapá – AMPSAP.

É sempre muito difícil encontrar alguém que queira e aceite nos receber para uma entrevista, mas com a Edna foi diferente; ela aceitou contar sua história e os caminhos que a levaram para prostituição.

Em uma manhã de sábado foi percorrida a distância de 76.8 km, até a ilha de Santana, atrás da principal fonte de informação para essa reportagem.

Edna conta sobre o caminho percorrido que a levou à prostituição. “Eu entrei com vinte anos, por motivo familiar e estrutural, a pobreza era muito presente na vida da pessoa, então eu era muito pobre, passei muita fome”. Quando iniciou na prostituição, Edna já tinha um filho e seus pais estavam separados, naquela época ela morava em Santana e conta com muita tristeza que a pobreza imperava em sua casa. “Antes dos filhos a minha mãe com meu pai já passavam muita fome e naquela época não era como nos dias de hoje, que tem anticoncepcional, remédios, essas coisas”. O pai trabalhava como carpinteiro e a mãe de ajudante em hotelaria. Edna conta que sua mãe não aguentou a situação de pobreza e foi embora, os filhos ficaram sobre os cuidados do pai.

**T
A**

Irmã mais velha de sete irmãos, teve que aprender a cuidar de si e ainda de seus irmãos. Aos 20 anos, Edna engravidou e teve que começar a trabalhar. O primeiro ofício foi como garçoneiro em um bordel, e depois de duas semanas recebeu a proposta do meretrício, a oferta lhe seduziu e assim ingressou nessa profissão. Com o dinheiro que ganhava no trabalho como prostituta ela conseguia cuidar de seu filho e de seus irmãos. “Naquela época com dezenove anos a gente não era moça virgem, podia sair, passar a noite todinha na rua beijando, namorando, se esfregando, não tinha esse negócio de sexo”.

Edna conta que, na década de 80, a prostituta era uma mulher valorizada. “O caboclo fazia a corte à sua namorada ou noiva, e depois vinha aqui no puteiro, namorava e depois caía no puteiro para se satisfazer”. Assim era o cenário. A fala de Edna pode ser compreendida a partir do contexto histórico cultural de uma época. O antropólogo José Maria da Silva nos explica que no período da Idade Média, os filhos de políticos e comerciantes eram levados pelos pais aos bordéis, onde iniciavam a vida sexual. Essa era uma forma de manter preservada a imagem da mulher destinada a ser sua esposa.

Essa prática de buscar o serviço de profissionais do sexo foi sendo atualizada ao longo do tempo. Não há mais rituais de iniciação sexual de jovens com prostitutas, mas isso não significa que a procura por sexo pago tenha acabado. O mercado sexual é ativo e funciona nas regras

do lucro. Se paga por um serviço com demanda garantida.

Um dos motivos que levaram Edna à profissão de prostituta é de ordem pessoal, no caso, o acidente em que seu filho caiu e bateu a cabeça, provocando uma lesão que precisava de tratamento médico especializado. Seu filho tinha apenas um ano de idade. Foi um momento difícil, com muita escassez de recursos para custear o tratamento do filho e manter as despesas domésticas. “Um dia cheguei em casa e a pobreza imperava, vestiam o que davam e comiam o que davam”.

Essa situação de pobreza contribuiu com as escolhas e os caminhos tomados por Edna. Foi então que um dia o amigo de seu pai fez uma proposta para que ela fosse trabalhar no seu bar, sendo seu primeiro trabalho. A princípio, atuava como garçõnete, depois como prostituta. Nessa época, já era maior de idade. “Um dia um amigo do meu pai disse assim, Zé deixa tua filha ir trabalhar no bar para mim, lá na beira”.

No seu primeiro dia de trabalho no bar ela conseguiu faturar mais do que a renda do pai. “Eu lembro bem como se fosse hoje, naquela época eu vendi quase vinte e cinco grades de cerveja, nova, bonita, ainda trouxe duas amigas minhas para me dar força, porque eu não sabia o que eu ia encontrar. A comissão daquela noite foi um salário de um ano do meu pai”. De acordo com ela, esse trabalho lhe trouxe oportunidades e possibilitou ajudar os irmãos.

A pobreza impera na vida de muitas prostitutas. A pesquisadora da Universidade Federal de Brasília, Silvia

Yannoulas, diz que, a partir da segunda metade da década de 80, a saída de meninas para a rua aumenta, contrapondo a ideia de que o lugar de mulher é na casa. Desse modo elas acabam indo para as ruas e o quadro de pobreza as leva a procurar algum dinheiro. “Assim, nesse conjunto de aprendizagem, elas encontram novas regras, descobrindo, então, que seus corpos são algo negociável, onde a venda do corpo converte-se em uma forma de combater a fome e o frio”.

Mas não é só a pobreza que colabora com a prática da prostituição. A organização feminista Sempre Viva considera que algumas pessoas se prostituem na esperança de encontrar alguém que lhes proporcione uma outra realidade de vida, distante da pobreza que estão habituadas.



2.1.

A prostituição como profissão

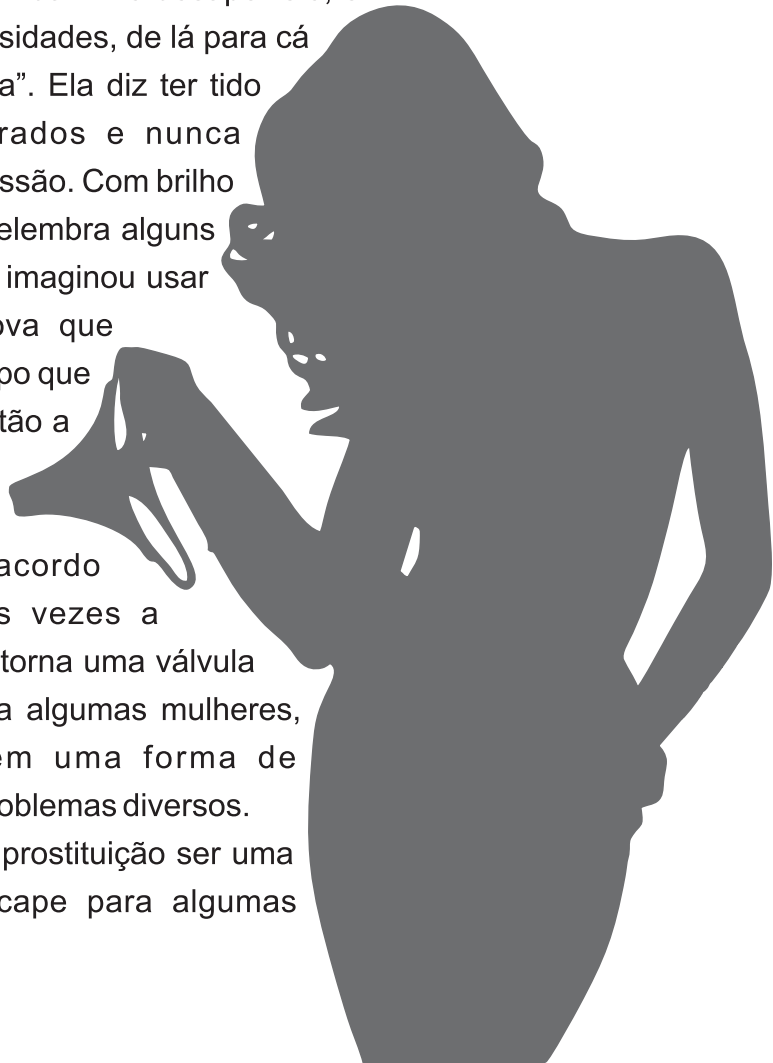
Edna começou a ajudar o pai nas despesas de casa. “Eu ajudava o meu pai a pagar aluguel, meus irmãos passaram a vestir do bom e do melhor, a comer do bom e do melhor”. Depois de uma semana trabalhando no bar, Edna conta que começou a se prostituir. “Tu não és de ferro, é mulher que transa, vê um homem bonito com dinheiro, vai fazer o quê, vai dizer não?”. A família de Edna sabia de sua escolha naquele momento, ela fala de maneira sucinta que só o fato de estar no bordel já dizia tudo. “Estava no puteiro, eles já imaginavam”.

A pesquisadora Ana Cristina Maués explica que a profissional do sexo tem uma

falsa ideia sobre a questão da escolha. Percebe-se que a maioria não escolheu essa profissão de fato, elas foram levadas a prática dessa profissão, sendo uma forma de sobrevivência para elas próprias e suas famílias. De acordo com a pesquisadora, muitas mulheres estão à mercê de um sistema capitalista cada vez mais excludente que gera pobreza e exclusão social.

Para Edna, aqueles foram momentos de libertação de uma vida sofrida. “É o desesperreio, é suprir as necessidades, de lá para cá foi só coisa boa”. Ela diz ter tido muitos namorados e nunca largou sua profissão. Com brilho nos olhos ela relembra alguns momentos. “Já imaginou usar uma roupa nova que fazia muito tempo que não usava? Então a prostituição tem esses pontos”. De acordo com Edna, às vezes a prostituição se torna uma válvula de escape para algumas mulheres, sendo também uma forma de libertação de problemas diversos.

Sobre a prostituição ser uma válvula de escape para algumas



mulheres, a socióloga Lana Trindade diz que a prostituição a partir de uma perspectiva histórica permitiu à mulher vivenciar sua sexualidade e ainda buscar outros caminhos, que fugiam dos papéis a que eram condicionadas, ou seja, mãe e esposa, em uma sociedade essencialmente patriarcal, na qual a vida era basicamente cuidar do lar.

E no fim do século XIX e início do século XX quando a prática da prostituição ganha mais visibilidade por conta do surgimento de alguns cabarés, que em alguns casos, ostentavam aspectos da cultura francesa, ludibriando os frequentadores dessas casas, assim como algumas mulheres que buscavam outros caminhos, contrário ao papel socialmente imposto, passavam a ser atraídas pela prática da prostituição.

Durante sua vida como prostituta Edna, foi agredida uma única vez. Foi quando tinha 23 anos de idade, na época ela havia conhecido um cliente, que aos poucos foi ganhando sua simpatia, ela chegou a fazer uma viagem com ele para o município de Almeirim, no Pará.

Recorda que o rapaz foi atencioso, já que queria que ela viajasse com ele. “Lembro que até deixou dinheiro para minha família e me levou”. Edna era uma mulher bela e jovem, e essa história lhe marcou muito. Ao chegar a Almeirim, deparou-se com uma roda de amigos dele. Ele a colocou numa rodada, como quem diz “ela é puta, ela vai ficar aqui e me obedecer”. O primo desse rapaz não sabia que ela já estava acompanhada, então sentou do seu lado e começou a querer tocá-la.

“O rapaz que eu estava acompanhando ficou com muita raiva, na hora ele apagou o cigarro na minha cara e saiu me puxando, me levou para um quarto, lá me bateu até de coronha de revólver, foi um momento muito triste”. Percebe-se que a história contada por Edna realmente a deixou triste.

Infelizmente, a violência é um problema presente na vida dessas profissionais. De acordo com Izabel Moreira, da Universidade Federal do Piauí, e Claudete Souza, da Faculdade Integral Diferencial do Piauí, a violência de gênero é um fato historicamente construído, que também abrange as prostitutas, já que sua atividade é considerada ilícita e abominável, evidenciando uma forma de violência ainda maior.

O espaço da rua deixa a profissional do sexo vulnerável a diversas formas arbitrárias de agressão, como de clientes, agenciadores ou policiais. As agressões podem ser por intolerância ou no acerto de programas e uso de preservativo. Esse tipo de agressão não é registrado pelos sistemas de saúde ou segurança pública.

As pesquisadoras apontam que o fato da prostituta não poder escolher o cliente a expõe a um cenário de violência ainda maior, sendo violência física, abuso sexual, roubo, insulto, xingamento e outras formas de humilhação.

Naquela época Edna conta que não soube a quem recorrer, já que não tinha conhecimento algum sobre como reagir diante daquela situação. Nesses casos de violência não há órgão ou delegacia específica para registro da

ocorrência e apuração do caso. No boletim de ocorrência o campo destinado a informação sobre a profissão da pessoa é de preenchimento facultativo, o que dificulta a obtenção de dados quantificáveis.

Edna fugiu e o rapaz foi embora para Almeirim. Ela voltou para sua casa. Foi à única situação em que foi agredida durante sua vida como prostituta. Ela ainda reencontrou esse rapaz outras vezes, após este episódio. E nos conta que ele era um cliente que pagava bem. “Eu ainda fiquei com ele outras vezes, depois que ele voltou. Ele era um psicopata, mas depois que ele voltou me pediu desculpa, disse que o que aconteceu foi motivado por ciúmes, não podia brigar por mim, naquela hora não podia dizer para os caras: olha... ela é minha, fui eu que trouxe. Já que ele era um homem casado. Esse sujeito era bom de dinheiro, ele me bateu, pois estava porre, lembro que esse fato me deixou extremamente magoada, no momento não entendi, mas depois o aceitei de volta, porque o dinheiro que ele me dava fazia diferença, me ajudava muito”.

O relato de Edna revela um cotidiano muito comum na vida dessas profissionais, com histórias semelhantes à sua. Ela diz que na maioria das vezes as profissionais são tratadas como objetos e assim sua única utilidade seria dar prazer aquele que por algum tempo aluga seus serviços e que às vezes podem ser clientes extremamente desagradáveis, mas a profissional necessita do valor negociado, pois para muitas, esta profissão é a única fonte para obter recursos financeiros.

Todos de sua família sabem da sua história como prostituta. Cada irmão seguiu em uma carreira diferente. Ela relata que durante os trinta anos que atuou como prostituta nunca se envolveu com coisas ilícitas.

Hoje, Edna é mãe de cinco filhos, cada filho é de um pai diferente, e com alegria fala sobre essa relação. “Eu te digo que é uma lembrança gostosa, porque eu me entreguei e deixei de ser puta naquele momento, para ser companheira, tenho cinco filhos maravilhosos, três meninas e dois meninos”. E ressalta que seus filhos são a passagem mais bonita de sua vida, pois para ela foi um momento de amor.

Sua relação com os filhos é harmoniosa, eles não têm vergonha do trabalho exercido pela mãe. Uma de suas filhas pensa em assumir o papel de sua mãe à frente da associação das prostitutas. “Minha filha é louca pra ficar no meu lugar. Ela diz – mamãe vou ficar no seu lugar, trabalhando, quando a senhora se aposentar. Porque ela gosta do trabalho que realizo, gosta de estar no meio das putas e vou prepara-la para ficar à frente dos trabalhos, para ela viajar e ter conhecimento”.

Edna pretende preparar sua filha para trabalhar em prol do movimento, para que desta forma ela possa participar dos encontros que ocorrem em outros estados e que abordam o tema da prostituição. “Hoje eu tenho 56 anos e as viagens muito longas me deixam cansada, minha filha é nova e tem todo conhecimento da causa”.

Edna Maciel é uma mulher respeitada por todos os

seus filhos por sua história de vida, ela não tem receio de contar toda sua vivência na prostituição. “Os meus filhos não demonstraram objeção, porque eu criei meus irmãos, criei meus filhos e estou aqui inteira. E sempre andei de nariz em pé para que todo mundo soubesse que sou a Edna, sempre dei respeito para receber respeito, hoje chego à casa de qualquer governador ou deputado e sou bem recebida”.

Edna já ministrou diversas palestras em faculdades de Macapá e conta que sempre ao encerrar seus depoimentos as mulheres a abordam para questionar a respeito do debate desenvolvido e que as falas sempre são de muita curiosidade. “É verdade aquilo que você falou? Aquilo é certo”. Para Edna a prostituta precisa se reconhecer como prostituta. Essa ainda é a grande dificuldade encontrada por este grupo, muitas não se assumem como profissionais do sexo, o que de certa forma dificulta o fortalecimento dessa categoria.

O medo das mulheres em assumir que trabalham como profissional do sexo se dá pelo fato do preconceito existente na sociedade. O antropólogo José Maria explica que esse preconceito é predominante na sociedade ocidental e no Brasil, e isso se dá em razão da mulher oferecendo um serviço que torna seu corpo negociável, a oferta do prazer.

“Eu nunca me envergonhei
de ter trabalhado como prostituta”

Na visão de Edna Maciel a prostituta tem que ter orgulho de sua profissão. Para ela existe até uma vantagem em ser prostituta, já que seu ofício lhe permite manter relações íntimas com outras pessoas, no caso, os clientes. “Prostituir-se é ser de todos e de ninguém ao mesmo tempo”, afirma Edna, ao contrário da relação monogâmica, em que existe a exclusividade entre os parceiros. O antropólogo José Maria da Silva destaca que a prostituição é uma das profissões mais antigas do mundo, entretanto, essa profissão é vista de forma negativa e isso se deve à história da humanidade no mundo ocidental, sobretudo a percepção e concepção que se tem do corpo, em particular, o da mulher.

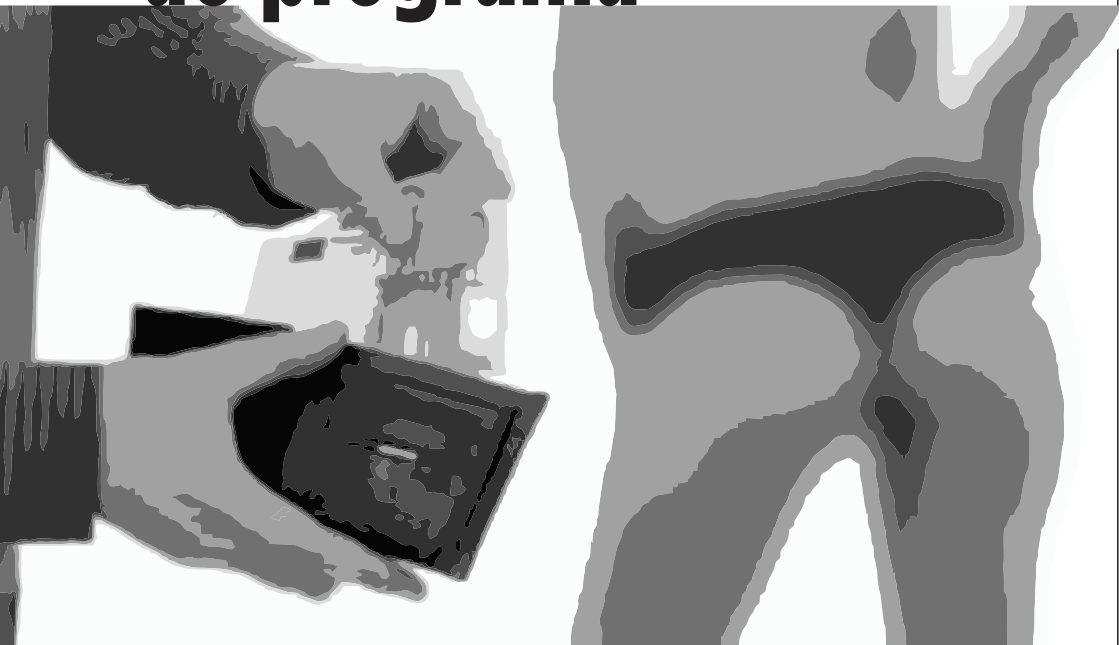
O antropólogo faz referência ao aspecto religioso, acrescentando que no mundo da filosofia e da ética e moral judaico cristã, que se consolidou depois com o cristianismo, os prazeres pelo corpo e pela carne não são vistos com bons olhos. Tanto que na Idade Média os filósofos que eram cristãos e escreveram livros ligados à igreja como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, abordavam a questão do amor desprovido de uma ação carnal. Então para a igreja o amor era mais espiritual, sendo abominados os prazeres do corpo.

Entretanto, os dominicanos aceitavam a prática da prostituição como algo necessário, em uma explicação filosófica havia de certa forma uma acomodação dos pensadores com males comuns de suas épocas, um exemplo é a tolerância da escravidão por Aristóteles, assim

como aceitação do tráfico de escravos pelo clero. Nesse contexto a prostituição era considerada como um mal necessário, e esse conceito perdurou toda a idade média, pensava-se que a prostituição mantinha protegida a integridade das famílias, pois a virgindade das mulheres respeitáveis devia ser preservada até o casamento.



2.2. Da abordagem ao programa



Edna descreve os passos de um dia de trabalho que é muito recorrente entre as profissionais do sexo. Elas são vaidosas e preocupadas com a aparência, por isso destinam um tempo para os cuidados pessoais. Esses cuidados incluem hidratação capilar, maquiagem e escolha de vestimenta que valorize o corpo. Posteriormente, elas vão para bares já conhecidos pela prática da prostituição ou para o ponto na rua.

As profissionais que ficam nos bares, geralmente estão em mesa isolada a espera de um cliente, o próximo

passo é a negociação do programa, e a escolha do lugar para atendê-lo, ao final do programa a profissional recebe o valor combinado e volta para o bar onde estava, na espera de outros clientes. Em Macapá, a prostituição é comum na região sul, mais precisamente na Rua Claudomiro de Moraes, em toda a sua extensão que está entre as ruas Paraná, no bairro buritizal, até a Av. Padre Reinaldo Bossi, no bairro Gongós. Na região central, entre as avenidas Procópio Rola e Ernestino Borges, além da região norte, na extensão da Rua Adilson Pinto Pereira, no bairro São Lazaro.

Populares dizem que os bares mais conhecidos pela prática do meretrício, localizados principalmente na região sul de Macapá, oferecem quartos (que ficam nos fundos do bar) para que as profissionais possam atender seus clientes. E o “cliente” é responsável por pagar a taxa de aluguel do quarto ao dono do bar, assim como o valor do programa para a meretriz.

Os valores variam de acordo com a negociação feita com cada pessoa, geralmente o valor mínimo cobrado em um programa é oitenta reais, e as práticas sexuais realizadas são sexo oral e vaginal. Já os programas mais completos podem chegar ao valor de duzentos reais e inclui sexo oral, vaginal e anal, podendo ser negociado realização de algum fetiche sexual.

As profissionais estipulam o valor a partir da análise do perfil do cliente, geralmente elas analisam aspectos

como o meio de transporte utilizado pelo sujeito que vai até o ponto de prostituição (carro, moto, bicicleta, a pé) e suas vestimentas e acessórios para poderem definir o valor do programa, já que a aparência pode representar algo sobre o status do cliente.

O uso do preservativo é sempre lembrado por Maciel, ela diz que a prostituta precisa saber se prevenir, apontando que a melhor maneira para isso é o uso da camisinha. “A prevenção está em primeiro lugar, para não atingir o cliente, e o cliente não atingir a namorada ou esposa”. Edna salienta que é preciso saber ser puta, pois o homem que procura uma prostituta sempre procura algo a mais. “A prostituta precisa saber escutar o cliente, concordar quando for o caso, às vezes não se procura apenas sexo. A profissional precisa estabelecer um acordo verbal com o cliente, apresentando na negociação do programa atribuições e restrições, ou seja, o que ela faz e o que ela não faz, inibindo dessa forma casos de agressão”.

Edna acrescenta que a pessoa que trabalha como profissional do sexo precisa deixar claro na negociação do programa seus limites, ou seja, o que aceita, e o que não aceita fazer no momento do sexo. O cliente deve respeitar a condição estabelecida no programa, pois ao pagar pelo serviço, não justifica atos que machuquem ou ofendam a parte contratada. Ressalta ainda que as sujeitas que atuam como profissionais do sexo devem ser respeitadas, pois a

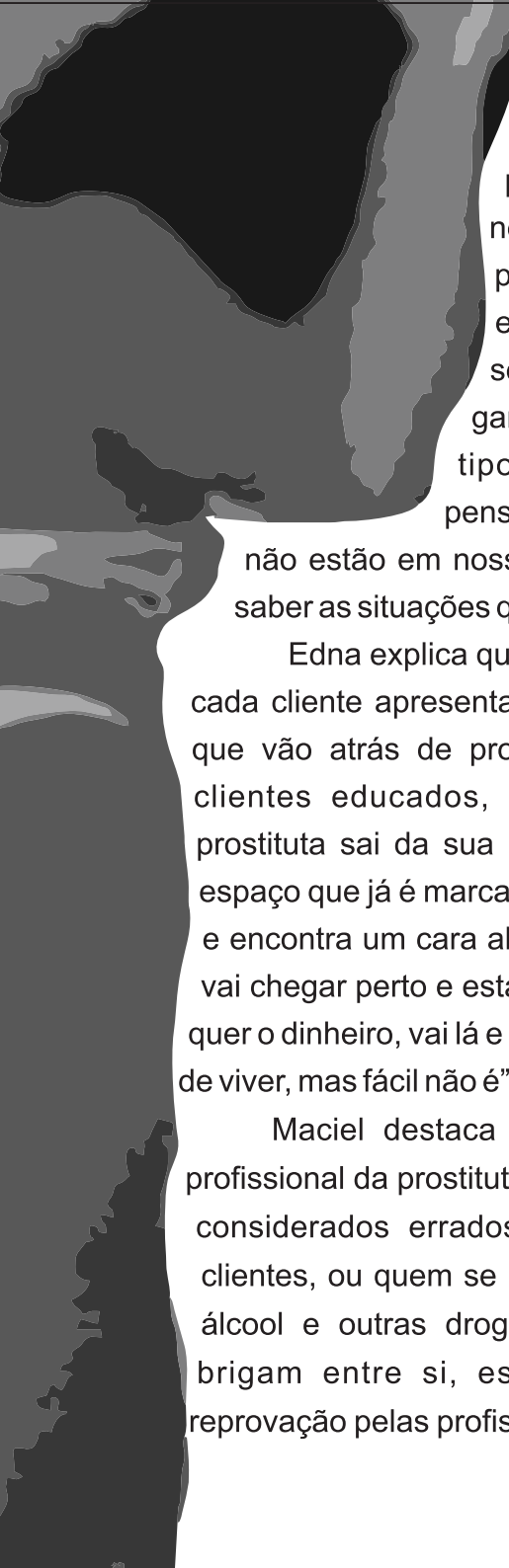
luta dessas profissionais também é pelo respeito e o reconhecimento da profissão.

“A nossa profissão é surpreendente, há quem diga que só somos procuradas somente para saciar a libido masculina, mas às vezes nossos clientes só querem conversar. Acabamos nos tornando psicólogas, já que escutamos e aconselhamos alguns homens”.

Edna conta que existe um consenso entre as profissionais do sexo, e que o beijo descaracteriza o programa. Mas existe a exceção, “Aquele que gostei que veio aqui, ofereceu cerveja, pediu pra sentar do meu lado, me tratou bem, foi carinhoso, por que não beijar ele? “Tem homem que chega «quanto é teu programa? Borá lá?»’ Aquele não vou beijar na boca, vou com ele porque necessito de dinheiro e ele quer prazer”.



2.3. Vida fácil



Para exercer o ofício de prostituta, segundo Edna, é necessário suportar os males da prostituição, pois as profissionais estão sujeitas a violência, já que seu trabalho não lhe dá direitos ou garantias e não lhe permite nenhum tipo de segurança. “As pessoas pensam que nossa vida é fácil, porque não estão em nosso lugar, é preciso vivenciar para saber as situações que enfrentamos diariamente”.

Edna explica que existem vários tipos de clientes, cada cliente apresenta um perfil diferente, tem clientes que vão atrás de prostitutas quando estão bêbados, clientes educados, clientes ignorantes, sujos. “A prostituta sai da sua casa toda limpinha, chega a um espaço que já é marcado pela existência da prostituição, e encontra um cara ali com bolo de dinheiro, mas você vai chegar perto e está só inhaca [com odor forte], você quer o dinheiro, vai lá e se prostitui, é vida fácil? É gostoso de viver, mas fácil não é”.

Maciel destaca a importância de uma postura profissional da prostituta. Ela se opõe a comportamentos considerados errados na profissão como roubo de clientes, ou quem se prostitui para sustentar vícios em álcool e outras drogas. Há também prostitutas que brigam entre si, essas atitudes são vistas com reprovação pelas profissionais que buscam a legalização

da profissão e segundo ela, são atitudes recorrentes.

“Eu nunca dormi numa mesa, nunca fui presa, mas é muito raro, tenho amigas que já mataram, tem puta aí na beira que já matou, já foi presa, já foi cortada, passou por várias situações, são as usuárias de drogas, que roubam seus clientes e demais pessoas”.

No momento atual Edna Maciel segue participando de encontros com prostitutas de todo o Brasil, são mulheres militantes a favor da prostituição. “Eu já fui quatro vezes ao Rio, vou pela segunda vez em São Paulo, já fui também para Santa Catarina, Porto Alegre, Bahia, Maranhão, Goiânia, Curitiba, Manaus, Palmas, Paraíba, Recife, desenvolvendo o trabalho à frente da Associação de Prostitutas do Amapá”.

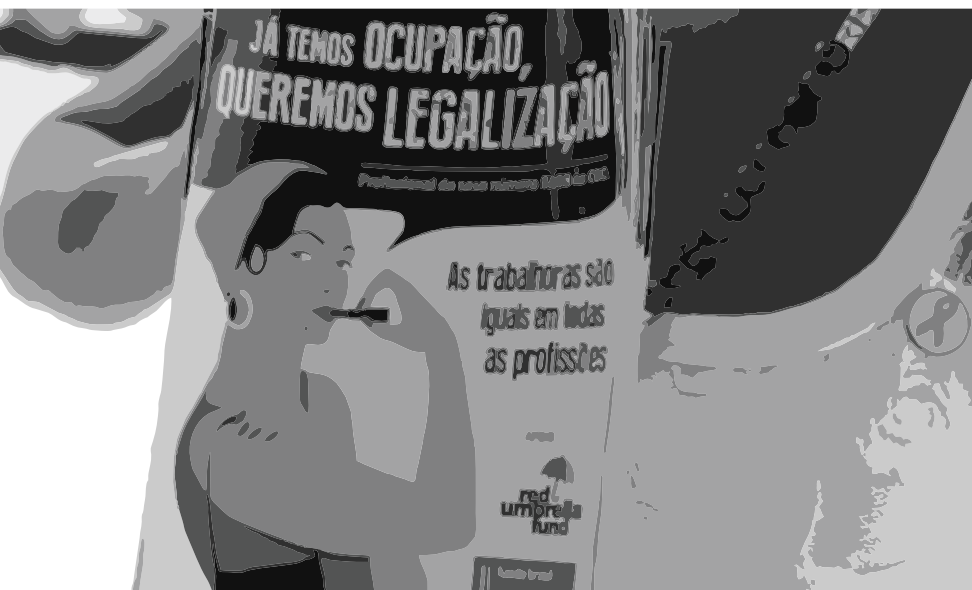
Maciel considera-se uma mulher realizada e de sorte. Tem orgulho de poder colaborar na área que atuou grande parte da vida. “Estou realizada, e me sinto feliz por chegar aos meus 56 anos e nunca ter sido presa, ou me tornado alcoólatra”. Nos dias atuais tornou-se agente de saúde do município de Santana.

Edna criou seus cinco filhos com o dinheiro do trabalho como prostituta, todos os filhos sabiam da profissão da mãe, ela também ajudou a criar seus irmãos. “Foi com a minha ajuda que todo mundo se encaminhou, hoje eu moro em um lugar que sempre desejei ter”. Atualmente, Edna mora na Ilha de Santana e é conhecida por todos na comunidade, vive com seus filhos e seu companheiro.

“Foi com a minha ajuda que todo mundo se encaminhou, hoje eu moro em um lugar que sempre desejei ter”.



Organização e luta por direitos



Edna Maciel é Presidenta da Associação de Prostitutas do Amapá desde 2002. Na imagem acima observa-se sua participação no III Encontro Nacional dos Trabalhadores do Sexo no ano de 1994, naquele momento a categoria discutia a questão da saúde, leis e fantasias sexuais.

A edição de 2017, do Jornal Beijo na Rua, traz uma entrevista com Edna, e ela se orgulha de ter concedido essa entrevista que foi realizada no estado do Maranhão, trazendo fotos das prostitutas no desfile da DASPU, grife de

roupas femininas direcionada às prostitutas, criada em 2005 pela prostituta Gabriela Leite, ativista e fundadora do Movimento de Prostitutas no Brasil.

Essa edição é memorável, momento em que o jornal completa trinta anos de existência, trazendo em ordem cronológica as memórias, histórias e lutas das profissionais do sexo. A primeira manifestação das prostitutas no Brasil, ocorreu no ano de 1979 em São Paulo, e questionava as prisões, agressões e assassinatos cometidos por delegados.

A publicação tem como objetivo colocar em evidência a luta das profissionais do sexo pelo reconhecimento de sua profissão, assim como pelo respeito e combate a toda forma de violência a qual estão sujeitas, colaborando ainda com a quebra de estigmas negativos atrelados a este ofício.

O jornal surgiu no período de pós-ditadura militar e mantém-se até os dias atuais, foi criado por Gabriela Leite, que foi pioneira nessa luta, juntamente com Lourdes Barreto, que é Presidente da Associação de Prostitutas de Belém. “Este jornal diz muito mais coisas do que você vai ouvir e ver, traz histórias e relatos”,

Edna já esteve em muitas cidades do Brasil, realizando ações de prevenção e outros atendimentos, e lembra com satisfação cada conquista. “Já viajei o Brasil todo trabalhando e divulgando informações sobre nossa profissão, nossos direitos, trabalhamos a sexualidade e autoestima, cuidamos da prevenção, encaminhamos quando necessário para cursos sobre prevenção de

doenças sexualmente transmissíveis".

A Associação das Prostitutas do Amapá surgiu a partir de uma das viagens realizadas por uma das fundadoras da rede brasileira de prostitutas, Lourdes Barreto, que fazia o trabalho de prevenção. Com 31 anos de militância, é também fundadora do GEMPAC - Grupo de Mulheres Prostitutas do Pará.

Em uma visita realizada ao estado do Amapá, Lourdes Barreto, traz a ideia de formalizar uma associação, para que desta maneira as prostitutas pudessem ter representatividade. Segundo Edna este foi um ponto importante, já que essas mulheres sabiam que eram "putas", mas não conheciam seus direitos. Edna conheceu Lourdes em 1999, no entanto, a associação só passou a existir em 2002, pois o projeto estava em articulação com o Governo do Estado. A associação fica localizada no município de Santana e atende todas as prostitutas do estado do Amapá.

No momento atual a Associação está com atendimento parado, devido à falta de flexibilidade dos gestores públicos. O trabalho da associação depende de parcerias, como por exemplo, Secretaria de Saúde, responsável pela oferta de testes rápidos para Infecções Sexualmente Transmissíveis - IST, distribuição de preservativos, atendimento psicossocial, entre outros.

A associação não tem uma sede própria e os encontros acontecem na residência de Edna. Nesses encontros são discutidos temas que abrangem a questão

da política das trabalhadoras sexuais, direitos das mulheres, sexualidade, liberdade e questões de saúde.

Edna não exerce mais o ofício de prostituta, mas deixa bem claro que não se denomina ex-prostituta, apenas não está em exercício. Ela trabalha como agente de saúde e com satisfação conta a importância de unir os dois trabalhos, de Presidente da Associação e Agente de saúde. Sendo feliz por esse último trabalho, e que o fato de ter sido prostituta, facilita o diálogo com as mulheres que atuam na prostituição.

“A gente anda no Brasil todo, se torna um serviço social, uma psicóloga, porque a prostituta sabe dizer para a gente, dói aqui, estou precisando da tua ajuda, porque meu peito está doendo, minha garganta ou parte íntima”.

Ela dedica-se ao máximo em seu trabalho, como agente de saúde, para que desta forma possa orientar cada vez mais esse grupo de profissionais. “Com meu trabalho de agente de saúde, fui adquirindo algum conhecimento sobre algumas doenças, e isso ajuda a perceber situações que precisam de um atendimento especializado”. Assim, seu trabalho é realizado em conjunto com a Secretaria de Saúde do Município, para que dessa forma tenha todo o suporte e estrutura, tanto de locomoção para desenvolver as ações, quanto para o atendimento à mulher.

As mulheres que fazem parte da associação são prostitutas, mas não são prostitutas atuantes, Edna fala com rigidez, quando se trata de menores de idade na prostituição. “Não permitimos que menores façam parte de

nossa estatística”. Segundo dados da UNICEF, no Brasil, existem aproximadamente 250 mil crianças e adolescentes prostituídas.



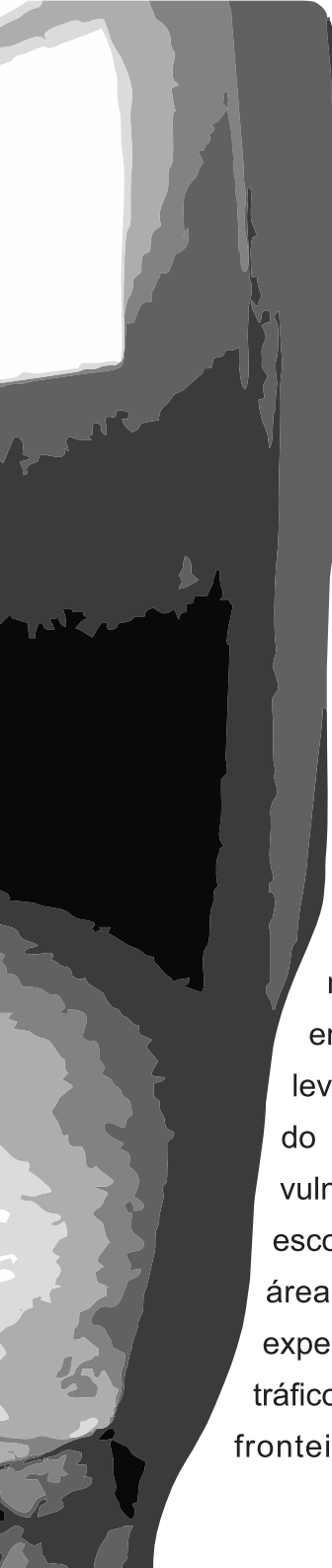
Em maio de 2019, uma operação realizada pela Secretaria de Justiça e Segurança Pública do Amapá para combater o aliciamento infanto-juvenil no município de Oiapoque, resultou na libertação de uma adolescente de 16 anos, que morava no município de Santana. Ela foi aliciada pelo proprietário do bar que também funcionava como casa de prostituição, a ir morar no município de Oiapoque, onde teria mais oportunidades de trabalho.

Em setembro de 2018, uma outra adolescente de 14

anos, que também havia sido aliciada para trabalhar como profissional do sexo em Oiapoque, foi libertada. E em junho de 2016 a polícia civil prendeu em flagrante uma mulher de 36 anos, dona de casa de prostituição, que aliciava adolescentes de Macapá a irem se prostituir em Oiapoque, na época a polícia libertou uma adolescente de 17, que era mantida em cárcere privado na boate da qual a mulher presa era proprietária. A prática da exploração sexual de jovens em Oiapoque é algo recorrente.

A PROSTITUIÇÃO FORÇADA E O TRÁFICO DE MULHERES

2.4.



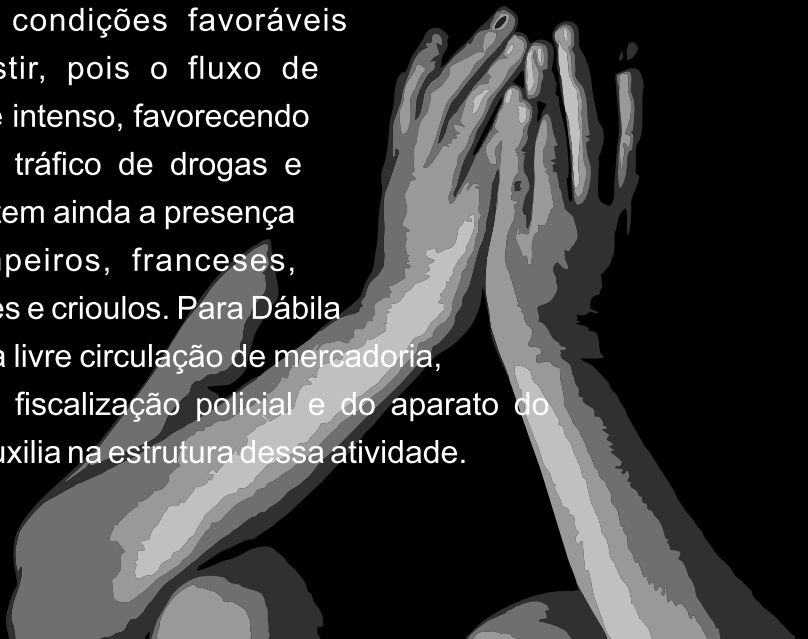
A pesquisadora Ruane Silva lembra que nas áreas de fronteira existe a prática do tráfico de pessoas, especialmente de mulheres. No caso primeiro, as sujeitas são aliciadas, ou seja, enganadas ou coagidas, e essa coerção pode ser feita por pessoas ou grupos. Os agenciadores são os responsáveis pelo recrutamento das vítimas, e por levá-las ao lugar combinado. Chegando nesses lugares, descobrem que já possuem dívidas impagáveis, relacionadas aos custos da viagem. E para quitarem suas dívidas são forçadas a prática do meretrício.

Ruane também aponta fatores determinantes para a ocorrência do tráfico de mulheres para a prostituição, que no seu entender está relacionado ao fator econômico, levando a mulher ao consentimento de ser objeto do tráfico. Muitas delas vivem em situação de vulnerabilidade social, possuem baixo grau de escolaridade, estão desempregadas e moram em áreas periféricas, não vislumbrando de muitas expectativas em relação ao futuro. No Amapá, o tráfico de mulheres para a prostituição, cruza as fronteiras com destino à Guiana Francesa ou

Macapá, fazendo fronteira direta com a Guiana Francesa, ocorre uma dinâmica econômica diferente das outras regiões do país. De acordo com investigação da pesquisadora da Universidade Federal do Amapá, Dábila Miranda, nessa região há circulação de três tipos de unidade monetária de modo simultâneo, como o real, euro e ouro. E os produtos podem ser negociados por esses valores e isso inclui a prostituição.

O fator monetário contribui com a prática da prostituição, assim como da exploração sexual, já que muitos setores se beneficiam com o exercício do meretrício. A pesquisadora considera que comércios, bares, hotéis, pousadas e restaurantes fazem parte de uma rede que lucra diretamente com a atividade da prostituição em Oiapoque.

Em Oiapoque a prostituição encontra condições favoráveis para existir, pois o fluxo de pessoas é intenso, favorecendo a rota de tráfico de drogas e pessoas, tem ainda a presença de garimpeiros, franceses, guianenses e crioulos. Para Dábila Miranda, a livre circulação de mercadoria, a falta de fiscalização policial e do aparato do Estado, auxilia na estrutura dessa atividade.



EM BRANCO



PRAZERES E RISCOS DA VIDA NOTURNA

Fabília de Souza é o nome social de Fabrício de Souza, uma pessoa que se reconhece como travesti, nasceu em Altamira, cidade do estado do Pará, e já morou em muitos locais antes de vir para Macapá. Ela se enche de orgulho ao falar do lugar que escolheu para morar. “Eu já andei praticamente o mundo inteiro, mas adoro Macapá, adoro essa cidade”. Ela se apresenta também como Tigresa da Amazônia, personagem criado no período de

carnaval, e associado ao uso de fantasia de tigresa, que a deixou bastante conhecida na internet.

Os vídeos de sua personagem apresentam aspectos da região amazônica. A figura da tigresa da Amazônia surgiu por diversão no período de carnaval, quando ela se fantasiou de tigresa para ir a um baile carnavalesco. Fabrícia ganhou o concurso de melhor fantasia neste evento e assim surgiu sua personagem e seu canal no YOUTUBE.

Os vídeos de Fabrícia são sempre em tom de comédia, ela faz imitações de animais da fauna amazônica, encenações de atividades antigas, como lavar roupa nos igarapés da cidade. Ela almeja ficar nacionalmente famosa e aposta que seus vídeos farão muito sucesso na internet, atualmente seu canal possui 454 inscritos 2.035 visualizações. Ela dedica-se bastante na divulgação do canal e dos vídeos, mas diz que não tem postado novos vídeos, pois no momento atual não dispõem de recursos para fazer a edição.

3.1. Entre o prazer e o perigo

Em uma madrugada Fabrícia estava na esquina de um motel. Ela trajava um vestido de festa azul turquesa e carregava sapato de salto na mão. Parecia um tanto assustada pelo fato de estar sendo observada. Fabrícia já estava se preparando para o retorno ao lar, após uma noite de trabalho, e, no momento em que já iria partir, nos

aproximamos. Ficou nítido a sua expressão de medo, já que o trabalho na noite revela por vezes muitos perigos. Imediatamente nos apresentamos, para que aos poucos pudéssemos ganhar sua confiança, e assim conseguimos que nos contasse um pouco sobre sua história de vida, desde a infância até a vida adulta, e os caminhos que a levaram a prostituição.

Fabília foi a única das profissionais entrevistadas na rua com quem realmente conseguimos estabelecer um laço de confiança. Ela se mostrou bastante receptiva após nos apresentarmos. A conversa que ocorreu no ponto em que ela se prostitui foi rápida, pois ela trabalha na rua vereador Júlio Maria Pinto, localizada no bairro Jardim Felicidade I, e esse local possui iluminação precária e de pouco movimento.

Nosso interesse por sua história só aumentava, gostaríamos de saber os motivos que a levam ao ponto de prostituição, assim foi pedido a ela um novo encontro. Prontamente Fabília nos convidou para visitar seu local de trabalho diurno, pois assim ela poderia ficar mais à vontade para falar sobre sua história de vida. O encontro ficou para uma manhã de sexta-feira no bar em que ela trabalha durante o dia como atendente.

O bar que Fabília trabalha fica localizado em um balneário da zona norte da capital frequentado por toda gente da cidade, ela diz que faz muito sucesso com os turistas que visitam a região. Nesse bar, exerce funções como atendimento, produção de alimentos, limpeza, entre outras funções. O trabalho que se dedica durante o dia é

divergente a sua ocupação noturna, dessa forma ela só trabalha como profissional do sexo aos finais de semana, para não comprometer seu desempenho como atendente. “Trabalho é trabalho, noite é noite”.

Ela comenta que se prostitui por diversão, e por gostar da sensação de adrenalina provocada pelos perigos da noite, sendo até mesmo uma forma de fetiche, ou um *mix* de aventura e perigo, pois para ela o mundo do prazer é fascinante e assustador ao mesmo tempo.

Aos poucos Fabrícia foi contando sobre sua vida como profissional do sexo. “Eu não trabalho à noite, só vou mesmo por esporte, não que eu goste, é só para me aventurar, não vou todo dia”. Apesar de gostar de aventurar-se pelas ruas da cidade como ela mesma coloca, ela reconhece os perigos a que são expostas as profissionais do sexo, principalmente as travestis.

Ela sabe que pode sofrer algum tipo de preconceito ou forma de violência devido a sua identidade de gênero. Fabrícia é travesti, mas somente revelou sua identidade de gênero depois dos dezoito anos. “Só pude enfrentar o mundo, maior de idade, depois dos dezoito anos, porque quando a gente é menor, ainda está se descobrindo, depende de pai e mãe”. Ela conta que sua infância não foi fácil, e percebemos em seu semblante certa tristeza, “A gente quando está se descobrindo sofre, existe um preconceito familiar, da sociedade, enfim... é um processo doloroso”.

Conta que sua relação com a família é boa, mas que

nem sempre foi assim, pois seu pai e seus irmãos não aceitavam sua identidade de gênero. “Antes de me assumir não foi fácil, e não é fácil para ninguém, o pai não aceita, família não aceita, as minhas irmãs até que aceitaram”.

Fabrcia fala com entusiasmo da relação com as irmãs, pois elas se preocupam muito, já que consideram a prostituição uma profissão perigosa. “Minhas irmãs até se preocupam comigo, porque elas pensam que a qualquer hora eu posso morrer, por estar na rua à mercê das pessoas, ainda mais que tem muita gente que não gosta de gay, não gosta de travesti, existi muita gente maldosa no mundo”.

Expulsa de casa três vezes, por ser travesti, já trabalhou como empregada doméstica e pedreiro. “Trabalhei em vários lugares, nunca precisei roubar uma agulha, sempre trabalhei, sempre tive meu próprio dinheiro, sempre tive as minhas roupinhas, meus vestidinhos, sempre tive tudo”. Ela estudou até o terceiro ano e diz nunca ter sofrido agressões físicas por conta de sua sexualidade. “As pessoas me adoravam, os professores me adoravam, nunca escondi minha origem”. No entanto, em sua narrativa ela expõe algumas estratégias para fugir do preconceito. Ela diz que se vestia sempre com trajes masculinos, isso até os vinte anos de idade. “Até os vinte anos usando roupa de homem, porque a sociedade impõe, hoje não tenho vergonha de usar meus vestidos, meu cabelo e minha maquiagem”.

Fabília nos contou um pouco sobre sua relação com o pai. Ela revelou que ele tem setenta e dois anos, e que sabe de sua identidade de gênero(travesti). Ela não mora mais na casa do pai, e sempre que vai visitá-lo usa roupas masculinas, pois embora o pai tenha ciência de sua orientação sexual, ainda há uma barreira atitudinal que impede uma aceitação por completo. Fabília entende que deve “poupar” o pai de vê-la com outros trajes, já que ele é um homem idoso. “Meu pai não me vê assim, eu poupo ele, porque meu pai tem setenta e dois anos, acho que ele não é obrigado a ver o filho dessa forma”.

Ela conta que, com exceção do pai, os outros familiares lhe veem vestida de mulher e suas irmãs ajudam a escolher suas roupas. “Eu acho que a família é muito importante, a gente já é discriminada no mundo, em qualquer lugar da sociedade, a família tem que apoiar, pois a família é a coluna e se a coluna desabar, você vai se apoiar em quem?”.

Um momento de comoção durante a conversa foi quando relembra do falecimento da mãe, por câncer, no ano de 1999, pois era a pessoa que mais lhe dava apoio, respeitando suas escolhas e estimulando sua caminhada para alcançar seus objetivos. “Ela morreu sabendo quem eu era, ela tinha a maior preocupação de que na hora que ela partisse o mundo iria me violentar”.

Ela conta que sua mãe temia por ela, pois acreditava que o pai iria abandoná-lo à própria sorte. “Acho que essa é a única lembrança que marcou a minha vida, ela morreu

preocupada comigo”. No ano em que a mãe faleceu Fabrícia era adolescente e vivenciava sentimentos de perdas e descobertas na vida.

Sobre o cotidiano nas ruas, Fabrícia frisa que hoje não sofre tanto preconceito como antigamente. “Não escuto mais tantas ofensas, algumas pessoas, em alguns lugares veem a gente como mulher, a gente se veste como mulher, nasceu como mulher, não quero jamais tomar o lugar das mulheres, mulher é mulher, homem é homem, travesti é travesti, transexi é transexi, não quero tomar o lugar de ninguém”.

Entretanto, no seu trabalho diurno, ela conta que já viveu situações constrangedoras, no qual o cliente a insultou. “Lembro que fui atender um cliente e esse cliente me chamou «ei seu gayzinho» ”. Esse preconceito, segundo ela, persiste, e reforça que quando se trata de mercado de trabalho a situação torna-se mais complicada ainda. “A sociedade ainda discrimina os homossexuais, principalmente nós travestis. Dificilmente travestis conseguem arrumar trabalho, enquanto não tiver uma profissão, não tiver assim, uma pessoa que possa colocar a gente no mercado de trabalho, o jeito é fazer programa, porque vários travestis, garotas de programa não fazem programa porque querem, e sim por ser um modo de sobrevivência, modo de ganhar dinheiro”.

Durante o tempo em que atua na rua como

profissional do sexo, ela conta que nunca sofreu nenhum tipo de agressão física, nunca foi assaltada, no entanto já viu muitas prostitutas serem violentadas. “Já vi colegas minhas morrerem, serem esfaqueadas na minha frente”.

De acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA cerca de 163 pessoas trans foram mortas no ano de 2018 no Brasil. É preciso levar em consideração que este número pode ser ainda maior porque muitos casos não são registrados e sequer são investigados pelos serviços policiais. Segundo a reportagem do site huffpost, dos casos registrados apenas 15 tiveram os acusados presos, ou seja, apenas 9%. Em relação à forma como ocorreram os crimes a pesquisa aponta que 53% foram ocasionados por arma de fogo, 21% por arma branca e 19% por espancamento, asfixia ou estrangulamento.

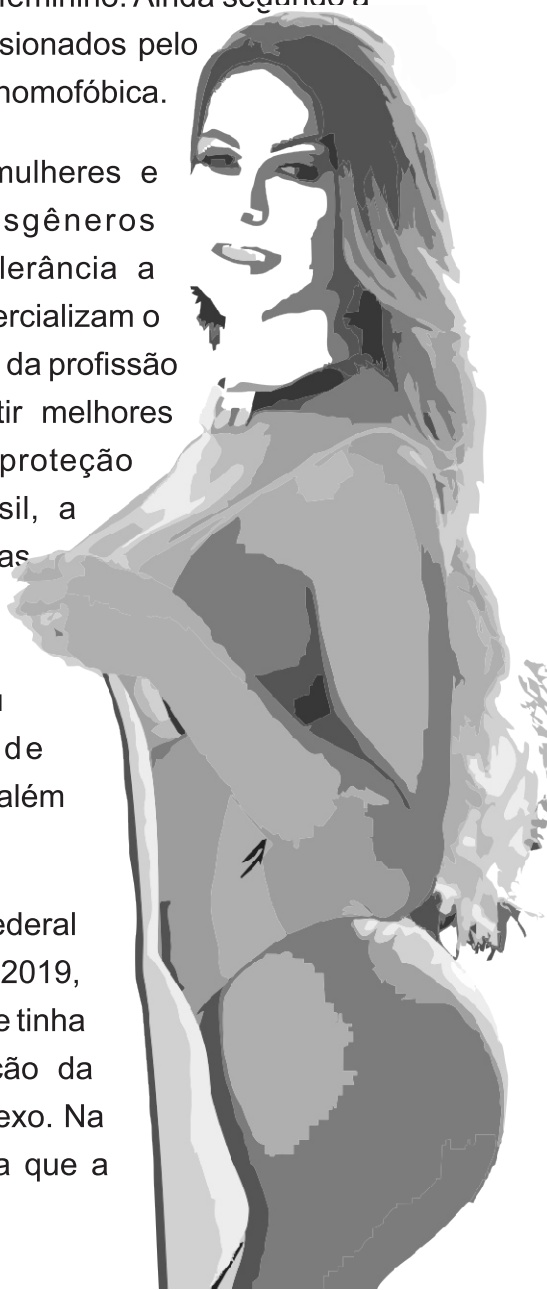
A pesquisa mostra ainda que são crimes praticados de forma cruel, como o esquartejamento ou afogamento, registrando 11 casos de execução em que a vítima levou vários tiros, além dos crimes de apedrejamento e decapitações. Sendo assim, aponta-se na pesquisa que 65% desses crimes são contra mulheres trans que atuam como profissionais do sexo, e 60% dos casos acontecem na rua. Ainda de acordo com a pesquisa realizada pela ANTRA, 90% da população de travestis e transexuais sobrevivem apenas com o trabalho de prostituta.

Outro dado relevante publicado na pesquisa mostra

que as tentativas de homicídios são recorrentes quando se trata de trans no Brasil, 71 casos foram exibidos pela mídia, e as vítimas somam cerca de 72% e atuam como profissionais do sexo do gênero feminino. Ainda segundo a pesquisa esses crimes são ocasionados pelo ódio, são crimes com motivação homofóbica.

A violência contra as mulheres e profissionais do sexo transgêneros acontece, porque existe intolerância a figura dessas pessoas que comercializam o próprio corpo. A regulamentação da profissão é uma alternativa para garantir melhores condições de trabalho e a proteção desses profissionais. No Brasil, a prostituta não é criminalizada, mas o lucro de terceiros com essa prática é crime previsto no código penal brasileiro, em seu artigo 230, com punição de reclusão de um a quatro anos, além do pagamento de multa.

Jean Wyllys, deputado federal do Rio de Janeiro de 2011 a 2019, propôs em 2012 projeto de lei que tinha como objetivo a regulamentação da atividade das profissionais do sexo. Na época o deputado argumentava que a



prostituição é uma prática que remonta a antiguidade, e que ainda sofre exclusão normativa no que diz respeito ao aspecto jurídico, e social sobre a ótica da moral e dos bons costumes.

De acordo com a proposta de Wyllys o principal objetivo do projeto de lei era desmarginalizar a profissão, permitindo as profissionais do sexo acesso a programas de saúde, direito do trabalho, segurança pública, e especialmente, dignidade humana. Para ele a regularização da prostituição como profissão, seria um instrumento eficaz no combate a crimes de exploração sexual, porque possibilitaria a fiscalização de casas de prostituição, dando ao Estado controle jurídico sobre o serviço.

O projeto de lei nº 4.211/12, denominado Lei Gabriela Leite, está parado na câmara dos deputados onde aguarda composição de comissão para análise do projeto.

Não existindo leis que regulamentam a profissão e contribuam com a desmarginalização da profissão, as profissionais do sexo continuam sem garantias de direitos e vulneráveis a situações de violência.

Fabrcia aponta que para estar na rua é preciso ter cuidado. “Tem que tomar precauções, saber com quem você vai sair ou com quem você vai andar”. Ela nos conta que não faz programa com quem não conhece. Quando a encontramos ela estava acompanhada, mas disse que o ponto onde fica, no bairro Jardim Felicidade I é considerado um ponto morto, sendo um local que não tem muito

movimento. “Sempre fica três naquele ponto, mas uma vai para um lado e as outras para outro”. Fabrícia, no entanto, só vai para o ponto aos finais de semana, nas suas folgas.

Ela comenta que sua vida pessoal não interfere na vida profissional, pois sabe separar os dois lados, a dona do bar onde trabalha sabe que ela faz programa à noite. “Ela sabe que eu sou garota de programa, que sou da onda, ela me respeita, trabalho é trabalho, noite é noite”. Fabrícia já trabalha no bar há cinco anos.

Fabrícia conta que sempre procurou trabalhar em lugares onde é respeitada. “Trabalho onde posso me sentir bem, não vou para um lugar onde as pessoas vão me olhar de canto de olho, costumo trabalhar com quem sabe quem eu sou de verdade”. Ela não usa seus vestidos no bar, nem sua maquiagem. “Eu respeito o ambiente de trabalho, não trabalho dessa forma aqui com esse cabelo, visto uma roupa comum, minha chefe sempre me respeitou e a família dela sempre me respeitou também”.

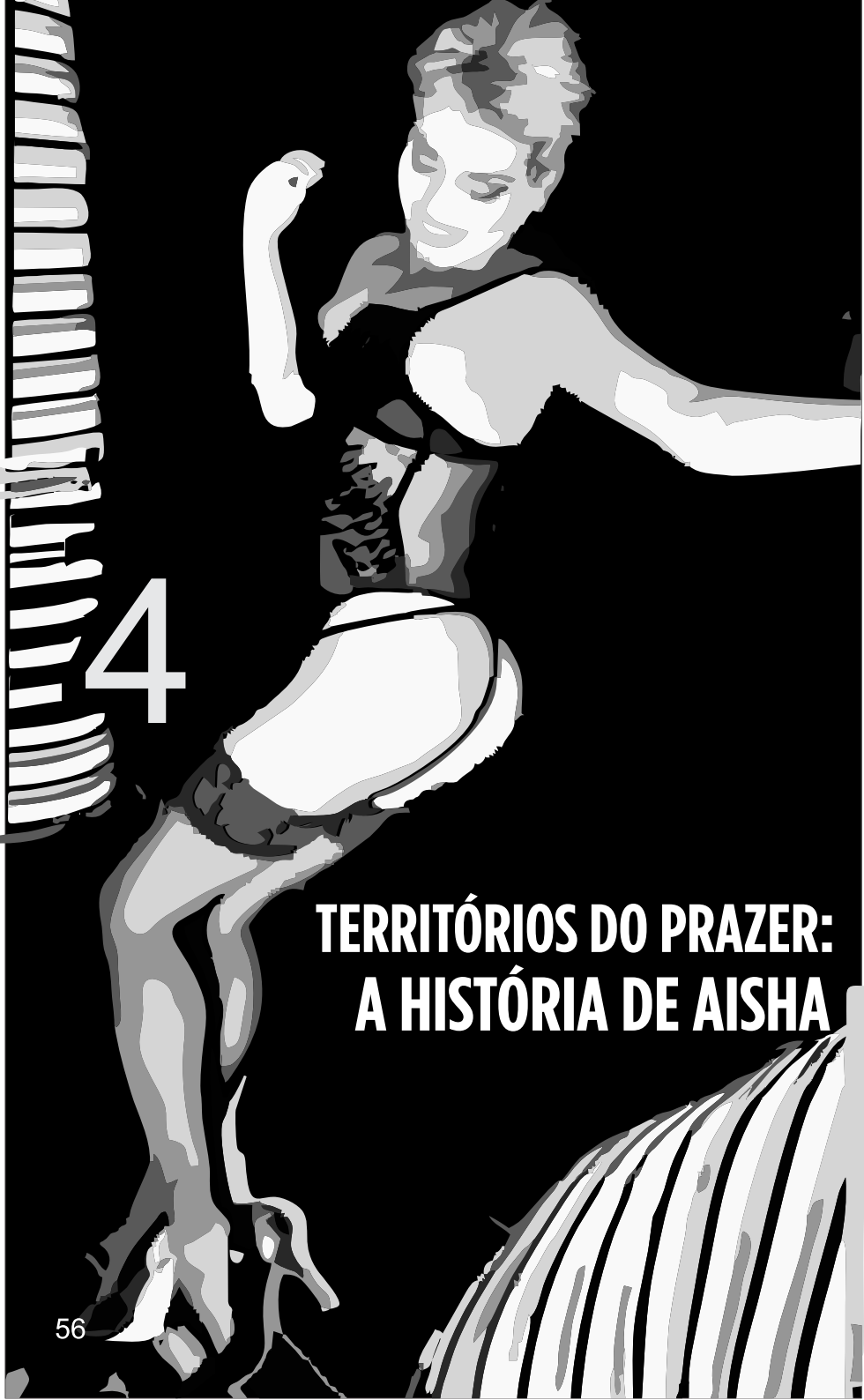
Mas fora do seu trabalho veste-se como gosta, com seus vestidos e sua maquiagem. Fabrícia é sempre



“Você sabendo respeitar o ser humano, vai longe, muito mais do que você pensa. Vou conquistar meu espaço, conquistar meu restaurante”.

muito cuidadosa com a sua aparência. “Daqui pra lá eu sou Tigresa da Amazônia, me visto, me transformo”. E frisa que se considera vencedora por chegar onde chegou. “Tem que ter muita força de vontade, muita coragem de ser o que você é, de enfrentar a sociedade, o ser humano, eu venci por chegar onde estou, ser o que sou, estou aqui dando minha cara a tapa para o que der e vier”.

Ela sonha em ter seu próprio restaurante, pelo amor a arte da culinária, e por possuir muitas habilidades gastronômicas. “O meu sonho é ter meu próprio negócio, meu restaurante, sei cozinhar maravilhosamente bem, todo tipo de comida”. Ela diz que quando concretizar o sonho do restaurante terá uma boa relação com seus clientes, para que sempre retornem.



4

**TERRITÓRIOS DO PRAZER:
A HISTÓRIA DE AISHA**

A história que segue, narra a trajetória de vida de uma profissional do sexo que se apresenta com o nome de Aisha, com identidade de gênero transexual. A conversa acontece no ponto em que ela trabalha, localizado na zona sul da capital. Suas falas revelam o cotidiano da prostituição em Macapá.

Aisha trabalha em um dos espaços mais conhecidos de prostituição na capital, trata-se da Rua Claudomiro de Moraes, mais precisamente próximo à feira do produtor no bairro buritizal, área conhecida pela oferta de serviços sexuais, que podem ocorrer nos pontos (rua) ou bares próximos. Por toda a extensão dessa rua é possível observar mulheres cisgênero e travestis exercendo a prostituição.

No primeiro momento de aproximação percebeu-se um certo receio dessa profissional (muitas têm medo de sofrer algum tipo de violência). Aisha já sofreu ameaça e foi vítima de lesão corporal. Conta que a ameaça veio de um homem que passava por ela, pelo fato de estar se prostituindo e por ser transexual. Ele ameaçou e a agrediu.

“Algumas pessoas nos julgam por trabalharmos como profissionais do sexo. Na rua tenho que enfrentar duas formas de preconceito. A primeira por ser transexual; a segunda por ser prostituta”. Aisha diz que as pessoas não deveriam julgar as profissionais do sexo pelo fato de estarem em um ponto fazendo programa. “Ninguém conhece a realidade do outro, não sabem os motivos pelos quais estamos nesse trabalho. O meu local de trabalho é a

esquina da rua, o ponto. É lá que o cliente me encontra”.

Essa profissão foi à forma que ela encontrou para manter sua família. Timidamente ela contou que seu pai, que era o responsável pelas despesas do lar, faleceu. Então ela se viu obrigada a ajudar os irmãos menores e a mãe. Passou a entregar currículos em lojas, supermercados, lanchonetes entre outros e não obteve nenhuma proposta de trabalho.

Foi quando uma amiga lhe sugeriu a prostituição como forma de ganhar dinheiro de modo mais rápido. “Tentei por várias vezes arranjar um emprego que me proporcionasse direitos e alguma segurança, mas desisti de procurar no momento em que meus irmãos começaram a passar fome, e antes que tivéssemos que escolher qual a refeição do dia iríamos ter, resolvi trabalhar como profissional do sexo”.

A pesquisadora Chayenne Farias nos conta que em seu estudo sobre o tema Cidadania Transviada: violência de gênero contra travestis e transexuais no Amapá, foi possível identificar que o principal fator para essa exclusão de transexuais do mercado de trabalho trata-se da exclusão formativa de uma deficiência na formação escolar. Pois muitas abandonam os estudos por sofrerem violência e preconceito dentro deste ambiente que deveria ser um lugar de socialização. Dessa forma a inclusão no mercado de trabalho torna-se difícil devido à baixa escolaridade.

A socióloga Patrícia Monteiro diz que muitas

pessoas que estão na prostituição não estão por prazer e sim por necessidade de sustentar suas famílias e filhos. Patrícia destaca ainda que o alto índice de desemprego contribui para a escolha da prostituição.

Aisha considera que a maioria das pessoas desconhece as dificuldades que as prostitutas passam nas ruas.

“Alguns acham que somos prostitutas 24 horas por dia”. Como já mencionado no início deste capítulo, na rua em que Aisha trabalha existem vários pontos de prostituição, sendo disputado por grupos de mulheres cisgêneros e trans. Cada segmento tem um espaço demarcado. “Cada uma de nós sabe o espaço que ocupa”. Aisha reproduz a imagem da prostituta de filmes antigos, usando perucas diferentes, minissaia, top colorido, salto 15 centímetros, piercing, e uma pequena bolsa. A profissional gosta de estar arrumada, sendo uma pessoa vaidosa.

Atualmente, Aisha vive com os irmãos, em uma casa simples de apenas dois cômodos em uma área de ressaca na zona norte de Macapá. Os valores que recebe dos programas são suficientes para manter as necessidades básicas de sua família. Ela tem uma boa relação com seus familiares, diz ainda que todos sabem de sua profissão e a respeitam.

Nos momentos finais da entrevista a personagem nos revelou alguns de seus planos para o futuro. Ela diz que trabalha como profissional do sexo há dezesseis anos. Hoje, com trinta anos revela seus objetivos. “Vou sair dessa vida, ter um marido, adotar um casal de filhos, ter um lar e

outro emprego sem ser esse”. Ela diz que está realizada em relação aos amigos e família, pois diferente das histórias de algumas de suas colegas de profissão, ela nunca foi expulsa de casa e nunca precisou esconder sua vida de ninguém.

EM BRANCO

SARA

ENTRE SONHOS
E REALIDADES

5

Foi recomendado diversas vezes, por amigos próximos, a sugestão para que fosse visitado os famosos bares localizados na zona sul da capital Macapá, pois são lugares onde frequentemente se pode encontrar profissionais do sexo oferecendo seus serviços. A curiosidade levou ao conhecimento dos bares, assim como foi possível conhecer algumas prostitutas. O diálogo com as profissionais nesses locais é praticamente impossível pela forte vigilância dos donos dos bares que se incomodam com a movimentação de pessoas com perfis distintos dos clientes que frequentam esses estabelecimentos.

Entre os bares mais populares pelo exercício da prostituição, destacamos o mais frequentado, que fica localizado na Rua Paraná, no Bairro Buritizal. As prostitutas começam a chegar às primeiras horas da noite. É no bar que elas se embelezam para receber os clientes. Algumas ficam no balcão e outras sentadas nas mesas. Não demorando muito para que comecem a deixar o lugar agradável e receptível para a prática da prostituição.

As horas passam, e na madrugada a circulação de pessoas vai aumentando, são clientes que começam a chegar ao local, que na maioria das vezes são homens que têm idade entre 40 e 50 anos. Alguns chegam de carro, moto, até mesmo a pé, muitas vezes já alcoolizados.



No bar a prostituta conversa com o cliente, toma cerveja e por fim negociam o programa e o local desejado. Nos arredores existem muitos motéis, isso justifica a presença de taxistas em frente ao bar, já que estes possuem interesse econômico, pois os clientes procuram esse serviço para deslocarem-se aos motéis, locais onde normalmente acontecem os programas. Nas proximidades também é possível perceber a presença de outras profissionais, que preferem a rua ao invés do bar, a maioria é travesti, demonstrando o espaço de cada grupo na zona de prostituição.

5.1. Avenida da Prostituição

Em uma noite de sexta-feira, dirigindo-se para mais uma visita a um desses bares para continuar o processo de observação e talvez uma entrevista com alguma prostituta, foi percebida, pela equipe, certa hostilidade por parte das moças que trabalham nesses espaços. Optou-se então por procurar outros lugares onde a prática da prostituição também é recorrente. Foram percorridas algumas ruas e avenidas de Macapá, entre elas a Av. Procópio Rola, que é um espaço noturno muito conhecido por agregar transsexuais e travestis.

Foi percebida a figura tímida de uma pessoa e isso despertou curiosidade, assim, esperou-se o momento certo para abordá-la. No primeiro momento, notou-se em seu semblante certa desconfiança e de certa forma alguma

vergonha. Era Sara, que se identifica como travesti.

Sara é nome fictício que ela utiliza como profissional do sexo. Jovem, simpática e cheia de sonhos. No momento em que a conhecemos ela estava acompanhada de três amigas que também são travestis e dividem o mesmo ponto. A princípio, estavam nervosas com a nossa presença, muitas têm medo de sofrerem algum tipo de agressão, algumas de suas amigas já foram vítimas de pessoas que as atacaram por preconceito. “Há pessoas que nos atiram coisas de dentro dos carros; latas de cerveja, garrafas de água e até mesmo sapatos. Até as mulheres nos atacam”.

A preocupação das profissionais do sexo,



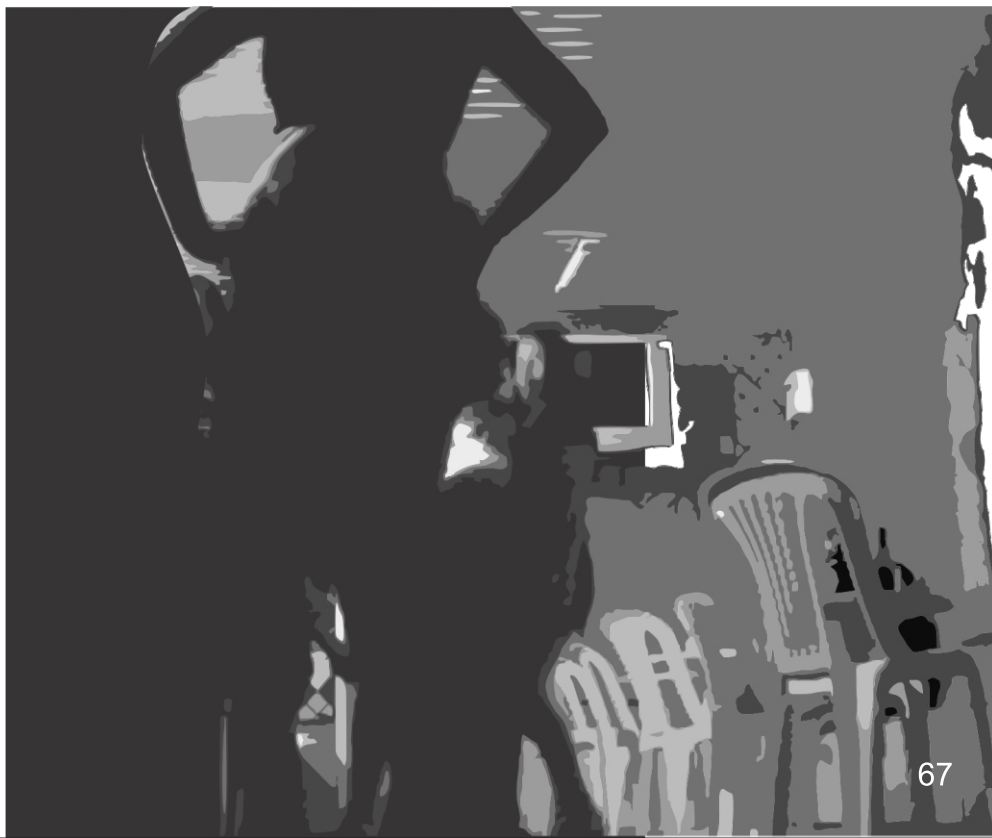
principalmente das travestis, é relevante pois muitas são agredidas. De acordo com as estatísticas, o Brasil é o país que mais mata homossexuais, essas são informações da pesquisa realizada pela empresa Deutsche Welle, que é uma das primeiras emissoras internacionais a divulgar notícia através da televisão, rádio e da internet. Demonstra que a expectativa de vida do brasileiro é aproximadamente 75 anos, enquanto que para uma pessoa transexual estima-se a idade média de 35 anos.

As entrevistas com a Sara, foram todas realizadas no ponto em que ela se prostitui, já que não aceitou o encontro em outro lugar. As conversas se dão no momento mais oportuno, onde a movimentação dos clientes é menor. As profissionais do sexo chegam ao ponto por volta das 19h00, o movimento nesse horário ainda é bastante tímido. Notar-se que mulheres cisgênero costumam ir mais cedo para o ponto levando a atividade da prostituição até no máximo 00h00, já as travestis costumam ir para o ponto mais tarde por volta das 21h00, ficando no ponto até a madrugada.

Geralmente muitas já têm cliente fixo, foi o que se observou em uma noite em que um homem passou no ponto, ondea conversa acontecia com uma prostituta, para saber sobre uma garota específica. O cliente foi ao ponto duas vezes atrás da moça, já na terceira vez que passou por lá, a prostituta tinha acabado de chegar de um programa, ela cumprimentou a todase em seguida entrou no carro do rapaz que estava lhe aguardando.

Os homens que procuram a prostituição têm perfis diferentes: são senhores, jovens, homens casados. A negociação no ponto acontece de maneira rápida com alguns deles, eles aproximam-se sempre com a luz do carro apagada para não chamar muita atenção dos que estiverem passando pela via, em seguida perguntam o valor do programa e a prostituta entra no carro, já alguns demoram, pois querem negociar o valor do programa abaixo do sugerido pela prostituta.

É importante destacar, segundo observação feita, que algumas garotas cisgênero não são tão vaidosas com a sua aparência e vestimenta. No ponto em que estava sendo



feita uma das observações para este livro-reportagem, as garotas vestiam-se com top, bermuda jeans e sandália rasteira, sem maquiagem, algumas apenas com uma bolsa pequena, outras com nenhum acessório por medo de serem assaltadas.

Diferente de Sara, quando vai exercer o ofício de prostituta, faz questão de se produzir, arrumar os cabelos, fazer maquiagem e escolher um *look* que chame atenção para si. Esses são alguns dos cuidados que ela tem para sempre cativar e conquistar mais clientes.

Sara relata a dificuldade de conseguir um emprego. Por muitos meses ela procurou trabalho e não conseguiu ao menos marcar uma entrevista, a família começava a enfrentar a escassez de utensílios básicos, as contas começavam a acumular. Um sentimento de incapacidade e agonia começou a permear sua mente, deixando-a aflita e muitas vezes com insônia. Na impossibilidade de exercer outra atividade remunerada, se viu tentada a atividade de prostituição, profissão apresentada a ela por

intermédio de uma amiga. Assim, tem início seu trabalho como profissional do sexo, profissão exercida há aproximadamente seis meses. Nesse período ela conheceu todo tipo de gente e clientes. Sendo que a prostituição não é uma profissão que ela queira sustentar por muito tempo. Já que o trabalho na noite representa perigo.

Procuramos a Secretaria de Segurança Pública do Amapá para acessar os registros de ocorrência sobre a violência contra profissionais do sexo. A secretaria informou que os órgãos da segurança pública estão aderindo a um novo sistema de registro de ocorrências, nesse novo sistema é possível acessar dados dos anos de 2018 e 2019, e posteriormente serão computadas informações de anos anteriores. Nesse sistema é possível encontrar o registro de apenas um caso de agressão por ameaça a uma profissional do sexo, no município de Mazagão. O boletim é o do mês de maio de 2019.

No boletim de ocorrência há um campo para identificar a profissão da vítima, mas o preenchimento dessa informação não é obrigatório, o que dificulta a existência de dados quantificáveis sobre casos de violência contra profissionais do sexo. De acordo com a socióloga Lana Trindade a ausência de dados quantificáveis pelos órgãos da Administração Pública do Estado do Amapá impedem que medidas de segurança sejam elaboradas para proteger as profissionais do sexo, assim como as demais políticas públicas, como assistência a saúde.

A preocupação por parte dessas pessoas é recorrente como demonstra Sara ao falar dos perigos da vida noturna. “Não sabemos o que pode nos acontecer, algumas prostitutas trazem na bolsa algum objeto que possa ser usado na defesa pessoal”.

Sobre suas expectativas para o futuro Sara conta que tem o desejo de concluir o ensino médio e também fazer cursos profissionalizantes, buscando qualificação profissional e novas oportunidades de trabalho, pois para ela trabalhar no mercado formal, com carteira assinada e direitos garantidos na legislação é um desafio assumir uma identidade de gênero que sofre preconceito na busca por empregos. “Se quiser concorrer a uma vaga, precisa se comportar como homem. Durante o dia me visto de homem, à noite me visto de mulher”.

O fato de apresentar-se como homem no período diurno demonstra a existência do preconceito com pessoas homossexuais no mercado de trabalho, A advogada Maria Eduarda Aguiar da Silva, coordenadora da associação brasileira de famílias homotransafetivas- ABRAFH do Rio de Janeiro, em entrevista concedida ao portal de notícias da UOL, em fevereiro de 2018, aponta que 90% da população transgênero é excluída do mercado de trabalho formal, e acabam ingressando na profissão de profissionais do sexo, estando sujeitas a situações de violência, crimes por ódio e marginalização social.

Em sua pesquisa sobre o tema: Cidadania Transviada: violência de gênero contra travestis e

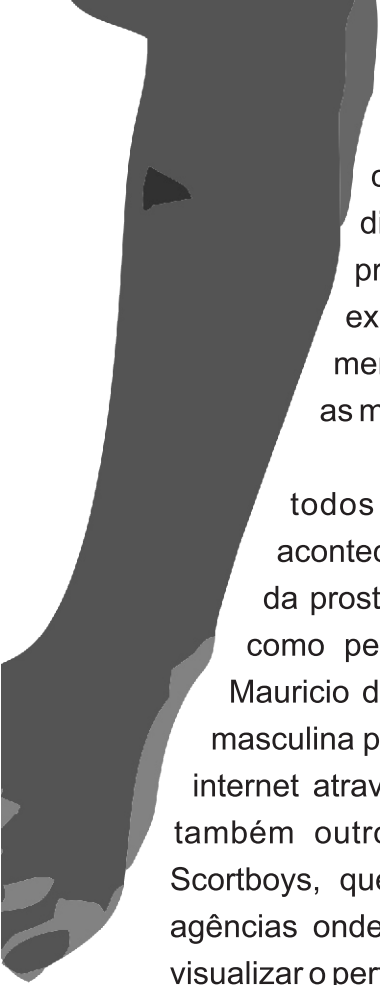
transexuais no Amapá, Chayenne Farias afirma que o preconceito e a transfobia além de excluírem essas pessoas do mercado de trabalho causa ainda a exclusão da vida como um todo, pois são pessoas que acabam tendo seus espaços limitados pelo preconceito como, por exemplo, o afastamento de espaços públicos da cidade como praças e ruas em horários diurnos.

Atualmente com vinte e dois anos de idade, Sara mora com o pai. Mas ele não sabe que ela se prostitui.



GAROTO DE PROGRAMA

6.



Com a reportagem foi possível conhecer pessoas com histórias e motivos diferentes para o ingresso na profissão de profissional do sexo. Ao pensar no trabalho exercido por essas profissionais, logo vem à mente a imagem de mulheres, já que elas são as mais vistas em pontos de prostituição.

Mas o mercado do sexo tem espaço para todos os gêneros. A prostituição masculina acontece, na maioria dos casos, de forma diferente da prostituição de mulheres cisgêneros e travestis, como percebe-se no relato do pesquisador José Mauricio da Silva. Em que mostra que a prostituição masculina pode ser encontrada em anúncios de jornais, internet através de sites e salas de bate-papo. Aponta também outro perfil de garotos denominados como Scortboys, que são garotos de programa que utilizam agências onde se cria o book no qual o cliente poderá visualizar o perfil (corpo) do michê.

O trabalho dos homens como profissionais do sexo ocorre de forma discreta, eles não se expõem publicamente, geralmente se prostituem por meio de sites na internet. Para fazer uso dessas plataformas é necessário criar uma conta, que é validada mensalmente, assim que o profissional do sexo paga a taxa de uso cobrada pelo site.

E só tem acesso aos perfis dos garotos e garotas de programa às pessoas que realizam cadastro nesses sites, somente depois da realização do cadastro é que o usuário tem acesso as informações das pessoas que ofertam

serviços sexuais.

Nos sites, eles colocam fotos que exibem partes do corpo, e raramente colocam fotos do rosto, é possível encontrar informações como altura, tipo físico, idade, cidade e os serviços que são realizados, além do valor cobrado pelo programa. Na maioria das vezes é disponibilizado contato telefônico, para que o interessado possa se comunicar com o profissional que mais lhe agrada, já que os endereços eletrônicos trazem uma diversidade de perfis.

Há diferenças comuns no mundo do trabalho, que também envolvem o mercado sexual. Nele, homens e mulheres sofrem riscos, ganham dinheiro e atuam de forma distinta. Dessa maneira existe uma divisão do trabalho realizado por mulheres e homens. A mulher está na esfera doméstica e o homem na esfera pública. Esse discurso é histórico, mas pode ser percebido nos dias atuais, por esse motivo os homens que atuam como profissionais do sexo não se expõem publicamente, já que para eles essa profissão lhes traz constrangimento. Por isso a figura do homem heterossexual não é vista nos pontos de prostituição da cidade.

Durante todo o período em que se buscou histórias relevantes para compor este livro, muitas pessoas foram ouvidas, e buscava-se por alguém que pudesse apontar casos de homens que trabalham como profissionais do sexo ou michê. Foi considerado, de grande relevância no decorrer das entrevistas, mostrar a distinção

nas formas de se estabelecer o programa. Uma jovem passou o contato de Mateus Brasil, nome fictício, utilizado aqui para preservar a identidade.

As conversas realizadas com Mateus aconteceram em um shopping de Macapá. Mateus é um jovem de 19 anos, de naturalidade Paraense, e que morava na zona rural do município de Portel. Filho de família humilde, mesmo passando por dificuldades, ele conta que teve uma infância alegre e que sempre contou com apoio dos pais. Ele tem sete irmãos, seis moram em Macapá. Disse que sempre ajudou os pais no trabalho como produtores rurais, porém o rendimento vindo desta atividade econômica sempre era muito pouco e não conseguia suprir as necessidades.

A família de Mateus não conseguia manter as despesas do lar, os valores obtidos com a atividade na roça eram insuficientes. No ano de 2017, sua família decidiu mudar-se para a capital Macapá, pois almejavam mais oportunidades de trabalho, além da chance de proporcionar aos filhos acesso a escola. Acreditavam que em outra cidade tudo poderia ser diferente, pois se tratava de outro lugar.

Ao chegarem a Macapá se depararam com outra realidade, bem diferente da que estavam esperando, a começar pela habitação, pois passaram a morar em área periférica da zona norte da capital. Sobre a expectativa de oportunidade de trabalho, Mateus diz que: “É muito difícil conseguir um trabalho, as vagas são escassas”. Não conseguindo um trabalho formal, passou a fazer alguns serviços de capina para complementar a renda da família,

logo não houve tempo para se dedicar aos estudos. Por um tempo trabalhou como jogador de futebol, mas sofreu uma fratura que o deixou inapto para o jogo. O único que conseguiu emprego foi o pai, a mãe ficou responsável por cuidar da casa e dos irmãos menores.

Mateus conheceu uma moça no ano de 2018, com quem teve um relacionamento e um filho. Quando soube que iria ser pai percebeu que só com o dinheiro dos serviços de capina não seria possível criar seu filho e comprar as coisas que a criança precisaria. Para ele esse foi um momento difícil, já que sua companheira também não trabalhava.

A situação de desemprego do casal gerou muito estresse para eles e seus familiares. O relacionamento do casal teve um fim, antes mesmo do nascimento da criança, que ficou sobre os cuidados da mãe e sua família. Mateus ficou responsável de repassar mensalmente valores para o custeio das despesas de seu filho. “Quero ajudar meu filho, para que não falte nada a ele”. Disse também que deseja que o filho tenha acesso a tudo que ele não teve, pois, sua família sempre foi muito humilde.

No período de gestação da ex-companheira ele se empenhou em arranjar trabalho formal, garantindo ao menos o salário mínimo, mas não obteve sucesso, foi quando um amigo que já trabalhava como profissional do sexo lhe falou dos sites na internet e que seria uma boa forma de ganhar dinheiro.

O amigo de Mateus mostrou a ele dois sites na

internet que funcionam como um aplicativo, divulgando garotos e garotas de programa, seus serviços e estabelece ainda meios de pagamento. Foi esse amigo que o cadastrou no site, para que ele pudesse fazer os programas. “Eu fiz o cadastro, mas não pensei que alguém se interessaria, até que as mensagens começaram a chegar no celular”. Mateus começou a se prostituir a pouco tempo (três meses), seus programas são todos marcados através do site, que para ele é algo mais discreto, e preserva também a imagem do cliente.

A primeira experiência dele como prostituto foi com um casal, depois surgiram clientes homens, mas ele disse que não se sentia bem quando o programa era com homens. “Fiz um único programa com um rapaz, depois foram só casais”. Mateus disse que muitas pessoas procuram profissionais do sexo para realizar fetiches, ou em busca de companhia. Em seu perfil ele recebe muitas propostas, mas nem sempre está disponível para concretizar o programa. Entretanto, houve momentos em que ele fazia programas diariamente.

O pesquisador José Mauricio da Silva, doutor em psicologia com ênfase na teoria freudiana, em seu estudo sobre: Prostituição masculina: Um destino pusal? Que traça o perfil dos tipos de clientes de um garoto de programa.

Por outro lado, tem o heterossexual curioso, que vive no anonimato, a fim de resguardar sua família, e sua imagem profissional. Sendo homens que apresentam

atração homoerótica, mas que não podem vivenciar uma relação homoafetiva por não poderem se expor publicamente.

Há clientes homossexuais, que são pessoas solitárias e que buscam a companhia do garoto de programa para fugir da solidão. Tem o casal de homossexuais, que busca o michê para realizar fetiches. Além do casal hétero, que procura o michê para participar da relação sexual do casal como terceira pessoa, na condição de *voyeur*.

O jovem profissional conta que é necessário manter o distanciamento entre sua vida pessoal e profissional, às vezes sente-se incomodado quando é reconhecido em via pública, mas cumprimenta as pessoas que lhe abordam. Ele ressalta que sua família não sabe sobre a prostituição. E também diz que com o que ganha consegue ajudar seus pais e seu filho.

Mateus diz que consegue ter um bom faturamento como profissional do sexo. “Uma vez um bancário me chamou para sair, ele chegou a pagar quarto de hotel para que eu pudesse passar o restante do dia, queria que eu viajasse com ele, nesse dia só saímos para almoçar e ele me deu R\$ 500,00 para isso”. E conta que suas clientes mulheres são geralmente pessoas acima dos 50 anos, também existem mulheres mais novas que procuram por esse serviço.

O profissional em questão se preocupa com o fato de ser reconhecido por trabalhar como profissional do

sexo. Ele se preocupa com sua imagem, em ser exposto por pessoas que sabem de sua ocupação e até mesmo chantageado, já que sua família não sabe de seu atual ofício – “Se você não ficar comigo eu vou contar” – Por alguns meses ele ouviu recorrentemente essas frases, ditas por quem o reconhecia como sendo o rapaz dos sites de oferta de serviços sexuais.

A única pessoa que sabe do seu trabalho como prostituto é o amigo que fez o cadastro dele nos sites, apesar disso, o amigo desconhece que ele ainda atue nesse segmento. Mateus tem vergonha de seu atual trabalho, por isso não se identifica com a expressão garoto de programa ou profissional do sexo, para ele é mais suave dizer que sua profissão é de acompanhante.

Dessa maneira, acompanhantes, garotas e garotos de programa, meretrizes, putas, prostitutas movimentam um mercado lucrativo de sexo. Vendem prazer, compram dignidade e sobrevivência. O nome que os identificam pouco importa, porque os riscos são os mesmos. A forma como entram e tratam o ofício, acompanham a necessidade, os desejos e expectativas particulares. Se entendem como trabalho, um bico provisório ou uma fonte de prazer pessoal, o fato é que compartilham histórias parecidas em um mercado clandestino de compra e venda de prazer.

BRANCO

BRANCO

BRANCO

